

A Odisseia de Homero
adaptada para jovens



Frederico Lourenço

Ilustrações de
Richard de Luchi

claroenigma

Copyright do texto © Frederico Lourenço e Edições Cotovia,
Lda., Lisboa, 2005
Copyright das ilustrações © Richard de Luchi e Edições Cotovia,
Lda., Lisboa, 2005

Todos os direitos reservados.

Edição apoiada pela Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas/
Secretaria de Estado da Cultura.



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa SABINE DOWEK

Ilustrações RICHARD DE LUCHI

Preparação MARIA FERNANDA ALVARES

Revisão ANA MARIA BARBOSA
ISABEL JORGE CURY

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil

Lourenço, Frederico

A *Odisseia* de Homero adaptada para jovens / por Frederico
Lourenço ; ilustrações de Richard de Luchi . 1ªed. — São Paulo :
Claro Enigma

ISBN 978-85-8166-015-8

1. Literatura infantojuvenil 2. Mitologia grega
(Literatura infantojuvenil) I. Luchi, Richard de. II. Título

12-08675

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1 . Odisseia : Mitologia grega : Literatura infantojuvenil :
028.05

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA CLARO ENIGMA S.A.

Rua São Lázaro, 233

01103-020 – São Paulo – SP – Brasil

Telefone: (11) 3707-3531

www.companhiadasletrinhas.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

LIVRO I: TELÊMACO NO RASTRO DO PAI 9

Uma visita inesperada 11

Telêmaco estreia na assembleia 23

Na corte do rei Nestor 34

Estada em Esparta 45

Uma história com focas 53

Enquanto isso, em Ítaca... 60

LIVRO II: A JANGADA DE ULISSES 67

Ulisses despede-se de Calipso 69

A princesa e o naufrago 81

No palácio do rei Alcino 90

Os jogos dos feácios 99

LIVRO III: ULISSES CONTA SUAS VIAGENS 115

A gruta do ciclope 117

Na ilha de Circe 131

O mundo dos mortos 146
Sereias, Cila e Caríbdis 156

LIVRO IV: ULISSES EM ÍTACA 173

O regresso 175
No casebre do porqueiro 177
Telêmaco volta para Ítaca 186
A história do porqueiro 192
Telêmaco reconhece o pai 197

LIVRO V: A VINGANÇA 211

O cão de Ulisses 213
Os dois mendigos 226
A cicatriz 236
O arco de Ulisses 247
A chacina 263

LIVRO VI: A RECONCILIAÇÃO 275

Ulisses e Penélope 277
Ulisses reencontra o pai 285

Posfácio 293

LIVRO I

TELÊMACO NO RASTRO DO PAI



Uma visita inesperada

Mil e duzentos anos antes do nascimento de Jesus Cristo, vivia na ilha grega de Ítaca um jovem príncipe chamado Telêmaco. Seu pai tinha partido para a guerra quando ele ainda era bebê. Agora Telêmaco era crescido, quase adulto, mas o pai ainda não tinha voltado. Já se sabia, em Ítaca, que a guerra acabara; todos sabiam que Troia, a cidade inimiga, havia sido conquistada e destruída. Descontando-se as dificuldades de navegação e os perigos do mar, parecia estranho para os habitantes da ilha que Ulisses, o pai de Telêmaco, não tivesse voltado para casa.

Tão estranho que se espalhou o boato de que Ulisses tinha morrido. Em Ítaca, toda a população aos poucos passou a aceitar essa realidade. O palácio onde Telêmaco vivia com Penélope, sua mãe, encheu-se de pretendentes, que queriam que a rainha Penélope voltasse a casar. Mas ela resistia sempre, embora sem ter certeza de que Ulisses estivesse vivo. Só havia uma pessoa em Ítaca que acreditava, em seu íntimo, que Ulisses voltaria. Era Telêmaco, seu filho, que sonhava dia e noite com o pai.

Na verdade, Ulisses não tinha morrido. Muitas foram as aventuras e as peripécias que ele precisou enfrentar depois de partir de Troia. Mas, graças a sua extraordinária inteligência, sempre sobrevivia. O que a mulher e o filho não sabiam era que ele perdera a nau e todos os companheiros num naufrágio. Salvava-se a nado, sozinho, conseguindo chegar a uma ilha onde vivia uma deusa solitária, Calipso. Essa deusa afeiçoou-se de tal forma a Ulisses que não o deixou partir: queria que ele casasse com ela. Queria fazer dele um deus. Mas Ulisses, sempre pensando na mulher e no filho, nunca aceitou.

Até que um dia, os deuses, reunidos em concílio no Olimpo, a mais alta montanha da Grécia, decidiram resolver esse impasse. Atena, a deusa da sabedoria, protetora de Ulisses, convenceu Zeus, o pai dos deuses. Este decidiu mandar o deus Hermes, seu mensageiro, à ilha onde Ulisses estava retido, para que ele comunicasse a Calipso que chegara a hora de deixar Ulisses partir.

Mas Atena lembrou-se ainda de outro mortal que lhe causava pena: o jovem Telêmaco. E calçou nos pés as belas sandálias, sandálias mágicas, douradas e imortais, que com as rajadas do vento a levavam sobre o mar e sobre a vastidão da Terra. Pegou uma forte lança de bronze, pesada, imponente, enorme: era a lança com que Atena vencera fileiras inteiras de heróis na guerra. Pois, além de deusa da sabedoria, era também uma deusa guerreira.

Lançou-se veloz dos píncaros do Olimpo e logo chegou a Ítaca, à porta do palácio de Ulisses, à entrada do pátio. Segurando na mão a lança de bronze, a deusa alterou sua aparência para que ninguém a reconhecesse. Transformou-se num homem de meia-idade, com aspecto nobre e tranquilo.

Encontrou de imediato os pretendentes, que se divertiam jo-

gando dados, sentados em peles de bois que, em sua arrogância, eles mesmos haviam matado. Escudeiros e criados misturavam água com vinho em grandes taças (pois os gregos não bebiam o vinho puro). Outros criados lavavam as mesas com esponjas porosas. Outros ainda serviam carnes em grande abundância.

O primeiro que avistou o homem estranho (na verdade a deusa disfarçada) foi Telêmaco, que estava sentado no meio dos pretendentes com tristeza no coração, imaginando em seu espírito que o pai poderia chegar ali naquele momento para expulsar aqueles homens arrogantes. Se isso acontecesse (imaginava Telêmaco), teria finalmente em seu próprio palácio a honra que lhe era devida. É que os pretendentes zombavam dele e o tratavam como criança.

Estava Telêmaco sentado e pensando nessas coisas quando avistou o homem desconhecido. Levantou-se logo e dirigiu-se a ele, pois achava vergonhoso que um hóspede ficasse parado à entrada sem ninguém lhe dar as boas-vindas. Aproximou-se do estranho e deu-lhe a mão, recebendo dele a lança de bronze. E foi com estas palavras, que faziam parte da tradicional boa educação na Grécia, que Telêmaco o cumprimentou:

— Seja bem-vindo, ó estrangeiro! Será estimado em nossa casa! E, depois de ter comido, vai dizer-me em que poderei ajudá-lo.

Falando assim, indicou o caminho; e a deusa disfarçada o seguiu. Quando já se encontravam dentro da alta casa, Telêmaco encostou contra uma coluna a lança do hóspede, colocando-a no bem polido guarda-lanças, onde estavam muitas outras lanças, até algumas que tinham pertencido a Ulisses. Levando o hóspede pela mão, Telêmaco sentou-o num belo trono trabalhado e estendeu uma toalha de linho; sob os pés, pôs um pequeno banco. Para si próprio, colocou ali perto outro assento, longe dos pretendentes, para que o estrangeiro não fosse levado a re-

cusar a refeição por causa do barulho. É que o comportamento dos pretendentes era ofensivo e grosseiro: falavam aos berros como se já fossem eles os donos do palácio.

Telêmaco tencionava interrogar o estrangeiro sobre o pai ausente. Só que, quando ia lhe dirigir a palavra, teve de se calar, pois uma serva chegava com um jarro com água para que eles lavassem as mãos, um belo jarro de ouro; e verteu água numa bacia de prata. Junto deles colocou depois uma mesa polida. Em seguida veio a governanta trazer-lhes o pão, assim como iguarias abundantes de tudo que havia. O trinchador trouxe travessas com carnes variadas e colocou junto deles belas taças de ouro; um escudeiro veio depois servir-lhes o vinho.

Nesse momento, entraram os pretendentes, que tinham acabado o jogo de dados. Sentaram-se enfileirados em cadeiras e tronos. Logo os escudeiros, com medo de serem repreendidos, verteram água em suas mãos e junto deles as servas puseram os cestos de pão. Vieram depois rapazes encher as taças de bebida. E os pretendentes se lançaram às iguarias que tinham em sua frente. Comeram e beberam.

Mas depois outra coisa lhes chamou a atenção. Vivia no palácio um poeta, Fêmio, que os pretendentes obrigavam a cantar durante seus banquetes. Um escudeiro foi pôr nas mãos de Fêmio a lira dourada. Ele começou a dedilhar o instrumento e deu início ao canto. Os pretendentes ficaram ouvindo, maravilhados.

Aproveitando o fato de estarem distraídos, Telêmaco falou baixinho ao estrangeiro, aproximando a cabeça, para que os outros não ouvissem:

— Hóspede estimado, espero que não leve a mal o que eu vou dizer. Bem podem estes homens arrogantes divertir-se com o som da lira e com o canto, levemente, pois devoram, de graça, o que pertence a outro: ao rei deste palácio, cujos brancos ossos talvez apodreçam à chuva ou no mar, onde as ondas

os revolvem. Mas uma coisa eu lhe digo: se estes o vissem regressar a Ítaca, todos rezariam para que fossem mais rápidos de pés do que mais ricos em ouro!

A deusa ficou ouvindo em silêncio as palavras de Telêmaco. Notando o silêncio do hóspede, Telêmaco teve receio de ter sido incorreto e logo lhe perguntou:

— Mas diga-me agora você, caro hóspede: quem é? De onde vem? Fale-me de seus pais e de sua cidade. Que nau o trouxe? Como o trouxeram os marinheiros a Ítaca? Quem eles diziam que eram? Pois não me parece que tenha chegado a pé! E diga-me também se é esta a primeira vez que aqui vem ou se é amigo da casa paterna, visto que são muitos os que se dirigem para cá: muitos amigos teve meu pai, muitos aqui vêm perguntar por ele.

A deusa contou-lhe então esta história:

— Meu nome é Mentos e sou rei dos tálios, excelentes navegadores. Cheguei aqui com nau e companheiros, navegando o mar rumo a povos estrangeiros, em busca de bronze; levo ferro comigo para a troca. Minha nau está ancorada no campo, longe da cidade. Declaro que você e eu somos amigos de família, já de há muito, como poderá saber por seu avô Laertes. Ouvi dizer que ele já não vem à cidade, mas sofre, afastado no campo. Parece que só tem uma velha por serva. Segundo me disseram, é ela que lhe prepara a comida e a bebida, quando ele regressa, cansado, pela encosta de sua vinha. Seja como for, aqui cheguei. Ouvi dizer que seu pai estava em Ítaca. Mas parece então que os deuses o impedem de regressar.

Atena reparou na expressão de tristeza que apareceu no rosto de Telêmaco e disse logo em seguida:

— Mas Ulisses não desapareceu da Terra! Vive ainda, retido no vasto mar, numa ilha rodeada de ondas, onde homens cruéis, selvagens, o prendem contra sua vontade.

A deusa viu um surto de esperança e de alegria nos olhos de

Telêmaco. Não era exatamente verdade o que ela lhe dissera sobre os “homens selvagens”, mas o jovem ficaria preocupado se ouvisse dizer que havia uma deusa que queria fazer de seu pai um deus imortal...

— E agora lhe darei esta profecia — prosseguiu Atena — que julgo vir a realizar-se. Não será longo o tempo que Ulisses permanecerá longe da pátria amada. Como é muito engenhoso, conseguirá regressar. Mas sabe de uma coisa? Você muito se assemelha a seu pai no desenho da cabeça e na beleza dos olhos. Pois eu e ele estivemos juntos muitas vezes, antes de sua partida para Troia, para onde foram outros, os melhores de todos os gregos, em suas naus. Mas desde esse tempo não vejo Ulisses, nem ele a mim.

Encantado com essas palavras e orgulhoso por ouvir alguém dizer que era parecido com o pai, Telêmaco respondeu assim ao hóspede:

— Pois a você, estrangeiro, direi tudo sem rodeios. Quem me dera ser filho de um homem feliz, a quem a velhice viesse encontrar no meio de suas posses! Mas é do mais infeliz dos homens que sou filho.

A deusa disse-lhe então estas palavras um pouco misteriosas:

— Especial foi a linhagem que os deuses lhe concederam.

Telêmaco olhou para o estrangeiro, surpreso. O que ele queria dizer?

— Mas deixemos isso — rematou Atena. — Diga-me que banquete é este. Isto é uma reunião? Que tem ela a ver com você? É festa ou é boda? Pelo que estou vendo, nenhum trouxe sua própria comida! Com que arrogância me parecem eles comer em sua casa: qualquer homem se zangaria ao vê-los neste despropósito!

Telêmaco, sempre prudente, deu-lhe esta resposta:

— Visto que me interroga, estrangeiro, fique então sabendo que esta casa no passado era rica e honrada, quando meu

pai permanecia entre seu povo. Agora, os deuses decidiram de outro modo: eles o tornaram invisível, o mais invisível dos homens. Não me sentiria tão triste por sua morte se ele tivesse morrido com os camaradas de armas em Troia. Todos os gregos lhe teriam feito um túmulo, e eu, como seu filho, ficaria com a glória de ter tido tal pai. Mas arrebataram-no os ventos das tempestades: partiu sem rastro nem notícia; e para mim deixou sofrimento e lamentações. E não é que me lamente apenas por sua causa: os deuses deram-me também outros males. Pois todos os príncipes que regem as ilhas próximas e todos os nobres de Ítaca, todos esses fazem a corte a minha mãe e devastam-me a casa. Rapidamente me levarão à ruína.

Zangada, disse-lhe então a deusa:

— Não há dúvida de que tem necessidade do ausente Ulisses; ele daria cabo desses pretendentes desavergonhados! Quem me dera que neste momento ele aqui viesse e se colocasse junto do portão, com capacete, escudo e duas lanças, tal como na primeira vez em que o vi! Rápida seria a morte desses presunçosos! Amargo seria seu casamento! Mas essas coisas são os deuses que decidem.

Telêmaco fez que sim com a cabeça, dando razão às palavras do estrangeiro. A deusa prosseguiu, dizendo:

— Telêmaco, agora preste atenção e ouça minhas palavras. Convoque amanhã a assembleia dos homens de Ítaca e faça um discurso dirigido a todos. Ordene aos pretendentes que saiam de sua casa. Quanto a sua mãe, se ela quiser casar, que volte então para a casa do pai: lá lhe farão a boda, lhe trarão oferendas em abundância, tudo o que deverá acompanhar uma filha bem-amada. Para você darei bons conselhos, se me ouvir com atenção. Aparelhe com vinte remadores a melhor nau que tiver e parta em busca de notícias de seu pai. Talvez fale com você alguém que encontrar no caminho; talvez ouça algum oráculo de Zeus, que muitas vezes traz notícias aos homens.

Telêmaco sentiu um misto de terror e de alegria ao ouvir essas palavras. Viajar! Ele que nunca saíra de Ítaca, que apenas conhecia sua ilha!

— Mas para onde irei? — perguntou. — Nunca saí de minha terra...

— Primeiro, vá a Pilos para interrogar o rei Nestor; daí para Esparta, para junto do rei Menelau. Dos gregos foi ele o último a regressar de Troia. Se ouvir alguma coisa a respeito da sobrevivência e do regresso de seu pai, volte para casa e aguarde mais um ano. Mas, se ouvir dizer que partiu, morreu... nesse caso construa um túmulo em sua honra. Pois você não deve se entregar a atitudes infantis; já sua idade tal coisa não permite. Vejo que é alto e belo! Portanto seja corajoso, para que homens ainda por nascer falem bem de você.

Telêmaco queria ainda perguntar muitas coisas ao estrangeiro, mas ele levantou a mão e disse:

— Tenho agora de regressar para minha nau, para junto de meus companheiros, que estão preocupados à minha espera. Pense nisso que lhe disse, medite bem sobre minhas palavras.

Telêmaco respondeu:

— É com amizade, estrangeiro, que me tem falado, como pai para filho. De suas palavras nunca me esquecerei. Mas peço-lhe que fique mais um pouco, embora deseje se pôr a caminho. Depois de tomar banho, gostaria de lhe oferecer um presente para levar para sua nau: um presente belo e valioso, que será para você um tesouro oferecido por mim. Uma dádiva de amigo para amigo.

Mas o estrangeiro levantou-se e disse:

— Não me atrase mais, pois preciso seguir meu caminho. E, seja qual for o presente que queira me dar, me ofereça quando eu regressar, para que o leve para casa. E escolha um belo presente: dele receberá recompensa digna.

Foi então que aconteceu uma coisa espantosa, da qual Telêmaco nunca mais se esqueceria. O estrangeiro de repente transformou-se em coruja, voou em direção ao alto e desapareceu. Inexplicavelmente, Telêmaco sentiu no coração mais força e coragem. Sentia que estava pensando com mais intensidade no pai, mais ainda do que antes. Percebeu naquele momento que o estrangeiro que o visitara era um dos deuses do Olimpo. E logo se dirigiu para junto dos pretendentes, como um homem. Definitivamente, já não uma criança.

O poeta Fêmio estava ainda cantando para os pretendentes, que estavam sentados ouvindo. Cantava a história do triste regresso dos gregos, do regresso da guerra de Troia. Era um canto de maravilhosa beleza, e, em seus altos aposentos, no andar mais elevado do palácio, Penélope ouvia o poeta cantar. E logo desceu as escadas (mas não vinha sozinha, pois isso seria mal visto: duas criadas vinham com ela). Quando a rainha entrou na sala onde estavam os pretendentes, ficou junto de uma coluna, segurando um véu na frente do rosto. De cada lado se colocara uma criada fiel.

As lágrimas corriam dos olhos de Penélope, que disse assim ao poeta:

— Fêmio, conhece muitos outros temas que encantam os homens, façanhas de homens e deuses. Cante agora uma dessas histórias, enquanto está aí sentado; e que os pretendentes em silêncio bebam seu vinho. Mas pare já esse canto tão triste, que me despedaça o coração no peito. Pois me vem sempre à memória a saudade daquele rosto, a saudade de meu marido...

Mas Telêmaco, pela primeira vez na vida, criticou a mãe. E disse-lhe com voz de homem:

— Minha mãe, por que razão leva a mal que o poeta nos deleite com sua inspiração? Os poetas não têm culpa! Foi Zeus que estabeleceu para os homens o destino que quis. Não é justo le-

varmos a mal que ele cante a desgraça dos gregos. Ulisses não foi o único que não regressou de Troia. Também lá morreram muitos outros. O melhor é que volte para seus aposentos. Lá, com suas criadas, você vai se entreter com seus trabalhos, com o tear e com a roca. Pois falar compete aos homens, a mim sobretudo: sou eu quem manda nesta casa!

Penélope, espantada, regressou para sua sala e removeu no espírito as palavras do filho. Percebeu que, de um momento para o outro, ele deixara de ser uma criança. Lá em cima, em seus aposentos, chorou Ulisses, o marido amado, até que a deusa Atena teve pena dela e a adormeceu com um sono suave.

Por seu lado, embaixo na grande sala do palácio, os pretendentes fizeram um enorme alarido. E a todos veio de novo o desejo de se casar com Penélope.

Mas Telêmaco decidiu que não ia admitir tais gritos em sua casa e, pela primeira vez, levantou a voz no meio de todos aqueles homens:

— Pretendentes de minha mãe, homens de força e violência! Agora continuemos o banquete. Mas sem gritos e barulho! Pois é bom ouvirmos um poeta como este, cuja voz na verdade se assemelha à dos deuses. Porém, fiquem já sabendo que decidi convocar uma assembleia para amanhã. Lá declararei publicamente o que tenho a dizer-lhes.

Assim falou; e todos morderam os beiços e olharam admirados para Telêmaco, pela audácia com que tinha falado. Uma assembleia! Nunca houvera tal coisa em Ítaca desde que Ulisses tinha partido. Respondeu-lhe então o mais arrogante e mais detestável dos pretendentes, um jovem fidalgo chamado Antino. Era ele quem dava as ordens aos outros todos e era de espírito egoísta e cruel.

— Telêmaco! — disse Antino, com voz maldosa. — Na verdade são os próprios deuses que o ensinam a ser um orador atrevid-

do e falar com descaramento. Só rezo que Zeus nunca o faça rei em Ítaca, apesar de isso lhe ser devido pela linhagem de seu pai!

Telêmaco procurou conter os ânimos. Respondeu a Antino com prudência, dizendo:

— Antino, você levou a mal aquilo que eu disse? Não quero ser rei. Há outros fidalgos em Ítaca, novos e velhos: um desses poderá reger a ilha, se Ulisses de fato morreu. Mas em minha casa serei eu o soberano!

Outro pretendente, chamado Eurímaco, que sempre fazia coro com Antino, mas era ainda mais cínico e dissimulado, disse então ao jovem:

— Telêmaco, tais coisas são os deuses que decidem. Só eles sabem quem será rei em Ítaca. Seus bens você pode guardá-los; será senhor em sua casa. Evite aqui vir alguém para tirar seus bens. Enquanto Ítaca for terra habitada, haverá quem o defenda.

Telêmaco sabia que ele estava mentindo, portanto não lhe respondeu. Mas tão ardiloso era esse Eurímaco que não lhe passara despercebido que Telêmaco havia recebido uma visita. E perguntou-lhe:

— Agora eu gostaria, meu caro Telêmaco, de interrogá-lo sobre o estrangeiro que chegou para visitá-lo. De onde veio? Será que avisou a você da chegada de seu pai, ou terá vindo por motivos de seu próprio interesse? Como desapareceu sem mais nem menos! De um momento para o outro deixamos de vê-lo. Não quis ser apresentado a nós? Por quê? De condição vil, porém, não pareceu.

Telêmaco não quis dizer a verdade para Eurímaco; então respondeu, disfarçando o melhor que pôde:

— Eurímaco, na verdade parece que meu pai morreu. Esse estrangeiro era amigo de meu pai: seu nome é Mentos e é soberano dos táfios, excelentes navegadores.

Assim falou Telêmaco, para não deixar que nada transparecesse. Mas no coração reconheceu a deusa imortal.

Os pretendentes desistiram de interrogá-lo e voltaram para os prazeres da dança e da música. Permaneceram na casa até começar a anoitecer. E ainda se banquetevavam quando chegou a noite. Depois, querendo descansar, partiu cada um para sua própria casa.

Telêmaco também foi se deitar. Subiu para o quarto, que ficava em cima do pátio e de onde tinha uma bela vista da ilha até o mar. Enquanto para lá se dirigia, ia refletindo sobre muitas coisas. Acompanhou-o, de tochas ardentes na mão, a fiel Euricleia, que de todas as servas era quem mais o amava, pois o amamentara quando ele ainda era menino.

Telêmaco abriu as portas de seu quarto. Sentou-se na cama, despiu a túnica macia e a colocou depois nas mãos da velha ama. Ela, alisando a túnica, pendurou-a num prego perto da cama. Depois saiu do quarto, fechando a porta atrás de si: porta que tinha uma tranca prateada, que deslizava graças a uma fivela de couro.

Telêmaco deitou-se e puxou as peles de ovelha que serviam de cobertores. E durante toda a noite refletiu sobre as instruções que lhe dera a deusa Atena.

